

DALMÁS, Carine; VIEIRA, Ana Lívia Bomfim (org.). *Pós-Graduação Profissional em Ensino de História: pressupostos, experiências e desafios*. São Luís: EDUEMA, 2023

O PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM HISTÓRIA DA UEMA:
seus dez anos de existência e a centralidade do Ensino de História¹

THE PROFESSIONAL POSTGRADUATE PROGRAM OF HISTORY AT UEMA: its ten years of existence and the centrality of History Teaching

EL PROGRAMA DE POSGRADO PROFESIONAL EN HISTORIA DE LA UEMA: diez años de existencia y punto central en la Enseñanza de Historia

LIDIANE ELIZABETE FRIDERICHES
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1568-456X>
Doutora em História pela Unisinos.
Pós-doutoranda e professora permanente do PPGHIST/Uema.
São Luís, MA, Brasil
lidifrigerichs@gmail.com

O ensino de História, que, por muito tempo, esteve relegado ao campo da Educação, tem tomado, cada vez mais, centralidade nos debates acadêmicos da própria área, seja nas pós-graduações pensadas, especificamente, para problematizá-la, como os programas profissionais e o ProfHistória, seja nos programas acadêmicos, que têm dedicado significativo espaço para produzir pesquisas sobre esse ensino. A importância de se refletir sobre esse campo e de se engajar em projetos que o contemplem vem mobilizando programas e professores de diversas áreas de pesquisa – e este é o caso da Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual do Maranhão, que tem congregado esforços para qualificar professores da educação básica, bem como produzir pesquisas e produções paradidáticas, contribuindo, assim, com o aumento da qualidade do ensino de História no Maranhão e no Brasil.

O programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual do Maranhão (PPGHIST/Uema), completou, no ano de 2023, dez anos de existência. O livro, debatido nesta resenha, foi composto com o propósito de refletir acerca da primeira década de seu funcionamento e das especificidades de um programa de pós-graduação profissional, além dos ajustes realizados para consolidar a sua proposta educacional, a qual resultará na criação, em 2019, do primeiro doutorado profissional em História do país. Até o mês de agosto de

¹ Resenha submetida à avaliação em setembro de 2024 e aprovado para publicação em dezembro de 2024.

2024, o programa já havia formado 137 mestres e nenhum doutor, tendo as suas primeiras defesas de doutorado previstas para o final desse ano.

O livro, organizado pelas professoras Carine Dalmás e Ana Lívia Vieira, docentes permanentes do PPGHIST e do departamento de História da Uema, conta com nove artigos, todos escritos por professores permanentes do programa, um deles em parceria com um ex-aluno, que realizou parte de sua formação na casa, e outro em coautoria com uma pós-doutoranda. Todos esses/as autores/as e textos buscam problematizar temáticas e vivências específicas desses dez anos de curso, bem como traçar panoramas para os próximos anos do programa.

Na apresentação da publicação, Dalmás e Vieira lançam alguns questionamentos a respeito da especificidade de um programa de pós-graduação em História de âmbito profissional – afinal, o que o diferencia de um programa acadêmico clássico? O que distingue uma dissertação ou uma tese sobre ensino de História realizado em um programa profissional do acadêmico? Para as autoras, os programas profissionais objetivam uma aplicabilidade direta dos resultados dos trabalhos acadêmicos nos espaços escolares. Dessa forma, exige-se aos pós-graduandos que as suas dissertações e teses subsidiem a elaboração de alguma modalidade de produto educacional, e tal exigência está formatando a identidade do PPGHIST/Uema.

Desse modo, visualizamos que as diversas temáticas possíveis para um trabalho de pós-graduação em História devem ser pensadas, contemplando a forma como essas discussões poderão ser inseridas na educação básica. A popular e tão criticada desassociação entre ensino e pesquisa é quebrada com essa proposta do PPGHIST, já que as/os alunas/os do programa devem pensar, conjuntamente, a elaboração de uma pesquisa, o debate teórico e a concepção de um produto educacional.

Nesse sentido, vamos apresentar, brevemente, os nove artigos do livro, intercalando-os com debates e reflexões sobre a pós-graduação e o ensino de História. O primeiro texto, escrito pela professora Monica Piccolo, intitulado *“Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Maranhão: da busca pela identidade à aprovação do primeiro doutorado profissional em História do país”*, traz um breve histórico do programa, permitindo-nos, assim, acompanhar os seus passos, desde a abertura do mestrado em 2013 até o início do doutorado em 2019. Piccolo foi fundamental para a estruturação do programa, atuando como vice-coordenadora do PPGHIST, em 2014, e como coordenadora, entre 2015 e 2019.

O PPGHIST, que conta hoje com nota 5, obteve o seu mestrado aprovado pela Capes em julho de 2013, com a sua primeira turma sendo iniciada em março de 2014; já o doutorado foi aprovado, em outubro de 2019, com o início das aulas em 2020. Piccolo narra alguns ajustes necessários para o êxito do programa, acertos importantes para que o curso pudesse subir de nota, antes de seu primeiro quadriênio e, assim, abrir o seu doutorado logo em seguida, o qual se destaca nesse contexto, por ser o primeiro em História do estado do Maranhão. Foi, ainda, o primeiro doutorado profissional em História do país. Um desses ajustes foi a substituição do nome do programa, que, inicialmente, levava o título da área de concentração “História, Ensino e Narrativas”. Nesse contexto, os estudantes obtinham os seus títulos de “Mestre em História, Ensino e Narrativas”, alterados, somente, em 2018, para Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIST). Desse modo, os títulos recebidos passaram a ser de mestre e de, futuramente, doutor em História. O programa manteve a sua área de concentração com o mesmo nome, empreendendo pontuais modificações nas suas linhas de pesquisa, que, em 2019, passaram a se chamar “Linguagens e construção do conhecimento histórico” e “Memória e saberes históricos”. Além disso, buscou um maior equilíbrio entre o número de docentes e de discentes por linhas de pesquisa, dimensão essencial para a organização de orientações e disciplinas.

A definição do público-alvo também foi concretizando-se, ao longo do tempo. Diferentemente do ProfHistória, voltado para os professores de História que já trabalham na educação básica, o PPGHIST ainda não havia definido essa questão. “Vivíamos o conflito de sermos todos formados em Programas Acadêmicos e não termos o pleno entendimento do significado de um Programa Profissional” (Piccolo, 2023, p. 16). Nessa perspectiva, o curso contou com alguns editais, que priorizaram a entrada de professores da educação básica, o que não ocorre, atualmente, já que o PPGHIST está aberto aos diplomados em História e áreas afins, com foco na qualificação e na capacitação para a atuação no magistério de educação básica e superior.

Buscando responder o que diferencia os programas acadêmicos dos profissionais, Piccolo explica que essa problemática não era exclusiva da Uema, mas de todos os PPGs que adotaram esse formato. Assim, a Capes promoveu, anualmente, desde 2014, os “Encontros de Mestrados Profissionais”, os quais reuniram os coordenadores dos programas profissionais do Brasil, para debater as peculiaridades desses cursos, o perfil de seus alunos, o formato das dissertações, entre outras questões. O principal debate desses encontros era definir o formato das dissertações profissionais e o que se poderia caracterizar por produto educacional. Depois de um período de indefinições e dissertações que seguiram o formato tradicional acadêmico, a

aplicabilidade foi ganhando centralidade e, a partir das defesas de 2018, vai compreender quase a totalidade dos trabalhos do PPGHIST, tornando-se, a partir daí, obrigatória a entrega de um produto educacional.

Optamos por definir que o Produto Educacional não prescindiria de debate historiográfico e muito menos de discussão teórica e metodológica, elementos centrais de uma dissertação acadêmica. Assim, passamos a exigir de nossos alunos a construção de uma dissertação clássica, acrescentada de um Produto Educacional que não era um apêndice, mas sim deveria estar em profunda conexão com a pesquisa documental e com o quadro teórico e metodológico da pesquisa (Piccolo, 2023, p. 19).

Entre as dificuldades enfrentadas pelos/as alunos/as do programa, encontra-se a complexidade de elaboração de um produto educacional e de uma dissertação, tendo, para isso, o mesmo prazo dos programas acadêmicos. Outro problema é que o PPGHIST conta com poucas bolsas, apenas concedidas pela Uema, pois, infelizmente, a Capes não outorga bolsas para os programas profissionais, apenas para a Rede ProfHistória. Isso exige que a maior parte dos estudantes trabalhe, suscitando, desse modo, dificuldades de se conseguir redução de carga horária visando ao cumprimento de disciplinas, eventos, bem como a dedicação integral à pesquisa e à escrita.

Piccolo, ainda, destaca o expressivo apoio institucional por parte da Uema para a expansão e a consolidação do PPGHIST, tanto na instituição quanto na garantia de seu reconhecimento nacional e internacional. A Uema efetivou vários programas específicos para a pós-graduação, das quais destaco a captação de recursos em agências de fomento, as bolsas produtividade para docentes e os intercâmbios nacionais e internacionais, instância importante para a internacionalização e os convênios acadêmicos, além da conquista de um prédio específico para a História, o qual oportunizou maior infraestrutura para a graduação e a pós-graduação. Essas ações, aliadas à produção docente, à realização de eventos e à integração dos grupos de pesquisa como os estudantes da graduação, estabelecendo, assim, um diálogo constante entre graduação e pós, foram essenciais para a consolidação do mestrado e para a abertura do doutorado.

O segundo artigo, de autoria do professor Yuri Costa, “Critérios avaliativos de produtos educacionais em programas de Pós-Graduação Profissional”, problematizou as especificidades dos programas profissionais e a importante contribuição destes e seus produtos pedagógicos para a educação brasileira. Para o autor, são fundamentais o entendimento e a valorização dos programas profissionais, visto a contribuição que aportam

para o ensino de História e para os debates acadêmicos, voltados a uma maior conexão com a educação básica.

Costa aborda as diretrizes do Ministério da Educação e da Capes para a elaboração dos produtos educacionais, as quais estabelecem que os produtos devem ter protagonismo em detrimento das dissertações e das teses tradicionais, que devem, também, guiar o planejamento da estruturação do trabalho. Os produtos educacionais, assim, não podem ser vistos como algo complementar ao texto, que se executa como um apêndice à tese central.

Nesse sentido o autor aborda uma das principais dificuldades dos alunos de um programa profissional: o equilíbrio entre a produção do texto acadêmico e do produto educacional, sem estabelecer uma concorrência ou hierarquia entre eles. O produto não pode ser encarado como uma adaptação, em linguagem mais simples do texto acadêmico. Costa, em intenso diálogo com Freitas (2021), defende que o texto acadêmico do programa profissional deve embasar o produto educacional. Dessa forma, as dissertações e as teses profissionais não seguem as mesmas extensão e densidade das acadêmicas, visto que devem conter análises que dialoguem com a construção da proposta, apresentando, desse modo, a pesquisa e o debate acadêmico necessários para a elaboração do produto educacional – protagonista do trabalho.

Costa aponta, ainda, os requisitos para a avaliação dos produtos educacionais e as suas limitações, bem como apresenta sugestões para o seu aperfeiçoamento, debatendo os seis critérios avaliativos da Capes para os produtos educacionais e propondo a complementação destes com a incorporação de mais sete elementos. O autor critica os critérios utilizados pela Capes e pelos programas profissionais para definir os produtos, focando mais nas suas modalidades e materialidades, e menos em seus conteúdos, impacto educacional e condições de aplicabilidade. A sua crítica se baseia na perspectiva do apego a “[...] equivocada noção de que a inovação tecnológica, especialmente das tecnologias digitais, seria o principal predicado dos componentes pedagógicos” (Costa, 2013, p. 36).

Depois da abordagem mais detalhada desses dois primeiros textos – os quais nos deram uma perspectiva mais geral sobre a criação e a estruturação da PPGHIST e da construção de identidade associada, além de apresentarem uma conceituação que nos permitiu compreender as especificidades de um programa profissional e a importância da construção do produto educacional para essa modalidade de pós-graduação – vamos passar mais rapidamente pelos demais artigos, não por serem menos importantes, mas por pautarem projetos e temáticas específicas desenvolvidas no PPGHIST.

O terceiro artigo “Pensar a história das ciências, da saúde e das doenças em diálogo com o Ensino de História”, de Leonardo Dallacqua de Carvalho, aborda a preocupação do PPGHIST em potencializar trabalhos em que a história da saúde e das doenças esteja inserida, visto que, recentemente, com a pandemia da Covid-19, esses temas passaram a ser centrais nas discussões educacionais e não apenas relegados a uma disciplina específica. Considerando-se as dificuldades que os professores têm para encontrar materiais didáticos sobre a história das ciências, Dallacqua enfatiza a necessidade de serem produzidos conteúdos, que possam facilitar o trabalho do professor em sala de aula – demanda esta que o PPGHIST tem investido em suprir.

O quarto capítulo, composto por Carine Dalmás, “América Latina e Ensino de História: reflexões sobre a construção de um campo de pesquisa”, aborda alguns de seus projetos, realizados tanto na graduação como na pós-graduação, que visam diminuir a distância existente entre o Brasil e a América Latina. Dalmás coordena o Núcleo de Estudos de História das Américas (NEHA), na Uema, o qual vem trabalhando com vários temas da história contemporânea da América Latina, no sentido de identificar conexões entre os processos históricos e problematizar a aparente não vinculação entre histórias e culturas. O Brasil, historicamente, tem identificado as suas raízes na Europa, tendendo a se afastar de seus vizinhos de continente, concepção construída com o propósito de justificar uma suposta superioridade civilizacional brasileira em relação aos países hispano-americanos. No entanto, ao aproximarmos as nossas lentes verificamos um profundo atrelamento entre os nossos processos históricos, sociais e políticos, o que vem sendo trabalhado nas escolas de São Luís por Dalmás e seus orientandos, em projetos que ajudam a revelar aos brasileiros que o Brasil faz parte da América Latina, “[...] e que reconhecer esse lugar nos fortalece como sociedade” (Dalmás, 2023, p. 103). O seu grupo de pesquisa vem produzindo materiais qualificados para complexificar a abordagem da história latino-americana, geralmente simplificada nos livros didáticos.

O próximo artigo, da professora Sandra Regina Rodrigues dos Santos, “Refletindo sobre produtos educacionais: uma análise da experiência no Programa de Mestrado Profissional da Universidade Estadual do Maranhão (PPGIST-UEMA)”, analisa dois produtos educacionais confeccionados, no programa, sob a sua orientação. O primeiro aborda a temática do ensino da História e da cultura africana e afro-brasileira, relevante para questionar, em produções paradidáticas e nas salas de aula, preconceitos e estereótipos enraizados na nossa sociedade contra a população negra. O segundo trabalho enfocou a história do município maranhense de Zé Doca, abordando a centralidade da história local para

maiores aproximação e identificação dos estudantes com a história de seu estado e município e como elemento catalizador para instigar um interesse maior pela disciplina.

O sexto artigo, escrito pelas professoras Tatiana Raquel Reis Silva e Viviane de Oliveira Barbosa, é intitulado “Propostas didáticas em Educação do Campo e Educação Escolar Quilombola do Programa de Pós-Graduação em História da UEMA: algumas reflexões”. Nesse texto, as autoras problematizam a importância da educação escolar quilombola, justamente por dever ser pensada a partir das especificidades do grupo em formação, ou seja, pautando-se na valorização da historicidade dos territórios étnicos e assegurando a preservação das manifestações culturais desses. Nessa perspectiva, a formação ofertada deve contribuir para que as pessoas continuem em seus territórios e recebam uma educação crítica e emancipatória que valorize o seu modo de ser e de viver no mundo. Os trabalhos orientados por Barbosa e Silva têm elaborado proposições didáticas para contemplar as propostas educacionais e curriculares da educação no campo e quilombola no Brasil, em conexão com a ciência histórica, contribuindo, assim, para diminuir os problemas encontrados na formação profissional docente e na prática escolar com materiais qualificados.

Já “Batuque: Uma identidade em eterna mudança”, de Fabio Henrique Monteiro Silva, trabalha com a construção do samba enquanto identidade nacional na Era Vargas, a partir de um trabalho de mestrado por ele orientado. Silva desdobra criticamente a consolidação do samba como principal ritmo musical do Brasil, do Carnaval como uma das principais festas da nação, bem como a sua vinculação com a resistência negra e a continuidade das manifestações culturais dos negros no nosso país. O autor destaca a importância de debater os temas da cultura popular na sala de aula e ir além das questões políticas clássicas do período varguista, abordando a relevância de situar, historicamente, a construção das identidades culturais.

De autoria de Elizabeth Souza Abrantes e Yuri Givago Alhadef Sampaio Mateus (ex-aluno no PPGHIST), “A história do Maranhão na sala de aula: O paradidático a Guerra da Balaiada como produto educacional do Mestrado Profissional em História da Universidade Estadual do Maranhão” aborda a demanda por materiais didáticos que trabalhem com a história do estado. A história local e regional vem sendo bastante enfocada nos trabalhos desenvolvidos pelo PPGHIST, visto a importância de aproximar os estudantes com essa dimensão e, assim, criar uma identificação maior com o espaço em que vivem. Nesse sentido, o paradidático orientado por Abrantes e escrito por Mateus sobre a Guerra da Balaiada, busca dar suporte para os professores da educação básica trabalharem as lutas populares que balançaram a política do Maranhão oitocentista.

Por fim, o artigo que fecha essa coletânea –“Ensino de história medieval: Uma proposta Metodológica a partir de um jogo de Tabuleiro” –por Adriana Zierer e sua pós-doutoranda Solange Pereira Oliveira, apresenta um jogo didático pensado para o ensino de história medieval. O uso de jogos no ensino de História vem consolidando-se como uma ferramenta lúdica para as estratégias de construção do conhecimento, aproximando diferentes temas dos estudantes das escolas. Assim, a história medieval, tão distante temporalmente, mas que apresenta imaginários muito difundidos no senso comum, pode ser aproximada e problematizada com os alunos a partir de um jogo didático.

Debatidos os textos reunidos no livro resenhado, destacamos que o PPGHIST apresenta diferentes estratégias para diminuir o distanciamento entre o espaço escolar e a universidade, formulando dissertações, teses e produtos educacionais com uma função prática de utilização em sala de aula. A proposta de uma pós-graduação profissional em História procura ir além de uma discussão que seja apenas acadêmica, buscando, então, contribuir, de forma mais direta e prática, com o ensino de História do Brasil ao produzir materiais paradidáticos extremamente qualificados, que objetivam dar suporte aos professores e alunos da educação básica.

A título de conclusão, esta obra apresenta diversas possibilidades de trabalhos e abordagens dentro de um pós-graduação profissional, sendo uma importante contribuição tanto para os estudos em ensino de História, como para os programas profissionais. Os artigos destacam os caminhos percorridos para desenvolver e consolidar um PPG profissional, bem como diferentes experiências de pesquisa e de confecção de produtos, que foram fundamentais para consolidar uma identidade ao PPGHIST da Uema.

Faz-se, igualmente, importante ressaltar a conexão do PPGHIST com as demandas do presente ao aproximar a pesquisa acadêmica com o ambiente escolar. Nessa linha, destaca-se a estreita ligação do programa com o ensino e a pesquisa, já que os mestrandos e doutorandos devem elaborar uma investigação (independentemente da temática escolhida) que possa ser aplicada na educação básica, construindo para isso um produto educacional. Essa preocupação com a educação básica e com materiais didáticos voltados a ela tendem a impactar, positivamente, a área de História nas escolas do Maranhão.

REFERÊNCIAS

COSTA, Yuri. Critérios avaliativos de produtos educacionais em programas de Pós-Graduação Profissional. *In: DALMÁS, Carine; VIEIRA, Ana Lívia Bomfim (org.). Pós-*

Graduação Profissional em Ensino de História: pressupostos, experiências e desafios. São Luís: EDUEMA, 2023. p. 33-58.

DALMÁS, Carine. América Latina e Ensino de História: reflexões sobre a construção de um campo de pesquisa. In: DALMÁS, Carine; VIEIRA, Ana Lívia Bomfim (org.). *Pós-Graduação Profissional em Ensino de História: pressupostos, experiências e desafios.* São Luís: EDUEMA, 2023. p. 79-108.

FREITAS, Rony. Produtos educacionais na área de ensino da CAPES: o que já além da forma? *Educação Profissional e Tecnológica em Revista*, Brasília, DF, v.5, n. 2, p. 5-20, 2021.

PICCOLO, Monica. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Maranhão: da busca pela identidade à aprovação do primeiro doutorado profissional em História do país. In: DALMÁS, Carine; VIEIRA, Ana Lívia Bomfim (org.). *Pós-Graduação Profissional em Ensino de História: pressupostos, experiências e desafios.* São Luís: EDUEMA, 2023. p.13-31.